

Aquisição da leitura e escrita: o processo da alfabetização-letramento

Joaquim Silva Pereiraⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Meiriane da Silva Pinheiroⁱⁱ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil

Aldemiza Correia da Silvaⁱⁱⁱ 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil

1

Resumo

O trabalho que se apresenta, é fruto de uma pesquisa sobre o tema: “Aquisição da leitura e escrita: o processo da alfabetização-letramento”. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como acontece a aquisição da leitura e escrita dos alunos no processo da alfabetização-letramento. A metodologia aplicada caracterizou-se por uma revisão de literatura. Diante dos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, constata-se a importância de formação de qualidade para educadores, a gestão participativa, material didático e local adequado para conduzir o processo da leitura e da escrita. Com os resultados desse estudo, espera-se que a aquisição da leitura e escrita por parte dos alunos no processo de alfabetização e letramento seja mais bem compreendida pelos docentes desse curso.

Palavras-chave: Alfabetização-letramento. Docente. Formação. Aprendizagem.

Acquisition of reading and writing: the literacy-literacy process

Abstract

The work presented is the result of a research on the theme: “Acquisition of reading and writing: the process of literacy-literacy”. In this perspective, the present work has the general objective to analyze how the acquisition of reading and writing happens by students in the literacy-literacy process. The methodology applied was characterized by a literature review. In view of the methodological procedures adopted to carry out this research, the importance of quality training for educators, participatory management, didactic material and an adequate place to conduct the reading and writing process is evident. With the results of this study, it is expected that the acquisition of reading and writing by students in the literacy and literacy process will be better understood by the teachers of this course.

Keywords: Literacy-literacy. Teacher. Training. Learning.

1 Introdução

Muito se tem falado e escrito sobre as dificuldades da escola brasileira em cumprir sua tarefa de alfabetizar e de introduzir nas práticas efetivas da leitura e da escrita, aqueles que dela estão excluídos, dada à marginalidade de sua participação em uma sociedade letrada.

Por sua vez, o processo de alfabetização e letramento tem sido objeto de muitos questionamentos e preocupações de profissionais da educação. O domínio da leitura e da escrita além de permitir a participação na sociedade letrada, assume também papel importante como instrumento de poder, dominação, sendo assim, sinal de desenvolvimento social. Saber ler e escrever são primordiais para que o indivíduo se integre à sociedade. Na realidade, ao ingressá-lo no mundo escolar, cria-se em torno dele um verdadeiro círculo de expectativas referentes a esta aquisição.

Primordialmente, a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura. Ler e escrever são processos cognitivos indispensáveis para o desenvolvimento social e cultural do ser humano. Esse processo de alfabetizar é contínuo, porém complexo, pois alfabetizar é uma técnica que o professor deverá ter, visto ser muito difícil ensinar um indivíduo a ler e escrever. No entanto, a qualidade do trabalho pedagógico nesse processo está intimamente relacionada a uma competência metodológica e a prática diária do professor em sala de aula de forma lúdica.

Notadamente, as dificuldades na leitura e na escrita sempre contribuíram para a repetência, a evasão escolar e o conseqüente retrocesso em todos os níveis de ensino. Os índices de repetência e de abandono dos estudos nas instituições escolares brasileiras constituem-se num dos mais sérios problemas enfrentados atualmente.

Contudo, de acordo com os “Parâmetros Curriculares Nacionais” de 1ª a 4ª série, o compromisso com a formação do cidadão ativo faz com que a escolarização assuma alguns princípios básicos como ensinar a criança a ler e escrever e a se expressar de maneira competente. A escola precisa, segundo o documento, preocupar-se em tratar tanto dos valores quanto dos conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva.

2 Metodologia

Tendo em vista os objetivos já mencionados, a metodologia utilizada, consiste em uma revisão de literatura em livros, revista, documentos, com fins exploratórios e descritivos, objetivando resultados qualitativos. Segundo Xavier, et al (2021), as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, de uma forma geral, de modo peculiar na Educação, por sua natureza e campo epistemológico, estão vinculadas com maior frequência na abordagem qualitativa (XAVIER, et al, 2021, p. 8).

Os conhecimentos resultantes desta pesquisa é que não se pode contestar a importância que tem a leitura e a escrita no desenvolvimento do ser humano. Assim sendo, podemos enfatizar que numa visão sociointeracionista é preciso considerar o educando como sujeito ativo no processo de alfabetização e letramento. Antes mesmo de ingressar na escola, conhecer as letras e começar a escrever, a criança tem suas vivências de mundo, ou seja, faz parte de um mundo letrado. Portanto, cabe ao professor priorizar a formação continuada como quesito da sua qualificação profissional. Em suma, que os professores sejam mediadores do conhecimento, estimulando as crianças desde a mais tenra idade como protagonista nesse processo de aquisição da leitura e escrita.

3 Resultados e Discussões

Dificuldades na leitura e na escrita, sem dúvida alguma, constituem-se um dos assuntos que cada vez mais vem sendo questionado por pais e educadores. Nesse sentido, Carvalho (2003) enfatiza que:

[...] Da escola primária à universidade, professores se queixam de que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo. No Brasil, milhares de livros de Português, obedecendo à mesma fórmula – textos acompanhados de exercícios de interpretação – são consumidos anualmente, mas nem por isso os alunos se tornam bons leitores (CARVALHO, 2003, p. 9).

A partir dessas dificuldades apresentadas ou detectadas em todos os níveis de escolaridade, foi motivo para que muitas universidades reformulassem seus exames de vestibulares com o objetivo de fazer uma melhor ‘seleção’ de seus candidatos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, (BRASIL, 1997) esclarecem melhor essa questão:

4

[...] A dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e organizar idéias por escrito de forma legível levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentaram o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório. (BRASIL, 1997, p. 19).

A dificuldade na aprendizagem contribui para a repetência, a evasão escolar e o conseqüente atraso em todos os níveis de ensino. Essa realidade não é tão recente, cifras oficiais da UNESCO em 1974, citadas por Ferreiro e Teberosky (1999, p. 18), referente à situação educacional na América Latina, mostra que:

Do total da população compreendida entre os 07 e 12 anos, em 1970, 20% encontravam-se fora do sistema educacional; De toda a população escolarizada, apenas 53% chegam à 4ª série – o limiar mínimo indispensável para uma alfabetização definitiva – ou seja, a metade da população abandona sua educação, sem regressar à escola, ainda num momento muito elementar do ensino fundamental; Dois terços do total de repetentes estão situados nos primeiros anos de escolaridade, e em torno de 60% dos alunos ingressos da escola repetiram o ano uma ou mais vezes.

Nesse sentido, aqui no Brasil, desde os anos 80, o ensino de Língua Portuguesa tem sido colocado como meta prioritária, com o intuito de melhorar a qualidade da educação. Sabendo que o problema no que se refere ao fracasso escolar está relacionado com as dificuldades que os alunos vêm apresentando no processo de aquisição da leitura e da escrita. Através de estudos sistematizados as escolas estão remodelando seus currículos, procurando compreender todo o processo de alfabetização, a partir da teoria de como realmente as crianças aprendem e não da maneira que se deve ensiná-las. A cada dia que passa investe-se mais na atualização dos professores, principalmente dos professores

alfabetizadores. Mas a verdade é que ainda há muito a fazer. Sem dúvida alguma, o índice de repetência e de abandono escolar no Brasil, é um dos mais altos do mundo. Essa realidade é resultado principalmente das dificuldades que nossas escolas têm de ensinar a ler e a escrever.

A esse respeito, Ferreiro e Teberosky (1999), mostram que o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos.

5

A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 21).

A ênfase desses métodos torna a aprendizagem da leitura e da escrita um ato mecânico, onde a criança em processo de alfabetização tem que iniciar seguindo uma seqüência. Primeiro pelas letras de preferência as vogais, onde vai juntar vogal mais vogal até formar encontros vocálicos; o passo seguinte é estudar as consoantes; em seguida vem o estudo das famílias silábicas; subsequente a união dessas sílabas até gerar palavras. Palavras essas, que logo de início, nada mais são que repetição de sílabas, como por exemplo: papa, lala, dada, dentre outras. Essas palavras formarão frases e sucessivamente textos que muitas vezes não tem relação com o cotidiano e com a cultura local da criança. Assim, o processo inicial da leitura e da escrita está voltado apenas para o código alfabético. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 21-23) definem melhor a ênfase desses métodos:

Sintético: o método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente. Os métodos alfabéticos mais tradicionais abonam tal postura. Analítico: o método analítico é o reconhecimento global das palavras ou das orações; a análise dos componentes é uma tarefa posterior. Não importa qual seja a dificuldade auditiva daquilo que se aprende, posto que a leitura é

uma tarefa fundamentalmente visual. Por outro lado, postula-se que é necessário começar com unidades significativas para a criança (daí a denominação “individual”).

Portanto, esses métodos tradicionais de alfabetização, tanto o sintético quanto o analítico, iniciam o processo de alfabetização com a idéia de que a criança não sabe de nada a respeito da língua. Não propiciam o uso social da leitura/escrita, não permitem a escrita de novidades e não dão oportunidades para as crianças testarem suas hipóteses.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) esclarecem que:

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva¹ (BRASIL, 1997, p. 35).

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 27) ainda acrescentam que “[...] a análise dos componentes é uma tarefa posterior”. Assim, consideram que “[...] o ensino tradicional obrigou as crianças a reaprender a produzir os sons da fala, pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético”.

Weisz (2005, p. 02), em seu artigo: “Didática da leitura e da escrita: questões teóricas”, publicado na revista *Pátio da Artmed*, questiona que o método fônico, baseado na linha do empirismo behaviorista “[...] considera que os alunos entram na escola igualmente ignorantes de tudo o que se refere à escrita. Que basta ensinar quais letras correspondem a quais segmentos sonoros para eles compreenderem o modo de funcionamento do sistema alfabético [...]”.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 26) consideram que sendo “[...] a escrita uma maneira particular de transcrever a linguagem”, a criança ao chegar à escola já

2. Competência discursiva, neste documento, está sendo compreendida como a capacidade de se produzir discursos – orais ou escritos – adequados às situações enunciativas em questões considerando todos os aspectos e decisões envolvidos nesse processo.

possui um conhecimento de sua língua materna, o que facilitará na hora de abordar a escrita. Mas esse conhecimento que não se sabia até os anos de 1960 levou “[...] a progressão clássica que consiste em começar pelas vogais, seguidas da combinação de consoantes labiais com vogais, e a partir daí chegar à formação das primeiras palavras por duplicação dessas sílabas”.

Sabendo que numa visão construtivista o educando é visto como um sujeito ativo, que é capaz de construir o conhecimento, como alguém que está sempre pensando e criando hipóteses sobre a escrita presente do seu mundo e que desenvolve sua própria consciência através das interações sociais que ele estabelece com sua família, amigos e professores. Como diz Weisz (1999), ao parafrasear o livro “Psicogênese da língua escrita” de Ferreiro e Teberosky.

[...] a mão que escreve e o olho que lê estão sob o comando de um cérebro que pensa sobre a escrita que existe em seu meio social e com a qual toma contato através da sua própria participação em atos que envolvem o ler ou o escrever, em práticas sociais mediadas pela escrita (WEISZ, 1999, p. 08).

Dentro desta concepção, Ferreiro (1998, p. 69), estabelece que:

Muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram a seu redor (livros, embalagens comerciais, cartazes de rua), títulos (anúncio de televisão, histórias em quadrinhos etc.).

Sendo assim, Carvalho (2003) define que quando chegam à escola para aprender a ler, os alunos que vivem nas cidades:

[...] geralmente já viram muitas coisas escritas nos cartazes e placas de ruas, nos jornais, nas embalagens de alimentos e de remédios. Provavelmente, sabem que a escrita quer dizer alguma coisa embora não percebam exatamente de que maneira os sinais escritos no papel funcionam pra transmitir uma mensagem (CARVALHO, 2003, p. 13).

Mas nem todas as crianças que vivem nas cidades grandes têm as mesmas oportunidades de ter acesso a essas coisas escritas, pois a leitura e a escrita variam

muito conforme a classe social a que pertencem. Nas famílias com um poder aquisitivo mais elevado, a leitura e a escrita estão presentes diariamente. De acordo com Carvalho (2003, p. 13) “[...] Jornais e cartas são lidos e comentados, bilhetes e listas de compras são escritos e cheques são preenchidos”. Enquanto nas famílias menos favorecidas os momentos de leitura e de escrita são raros ou até mesmo inexistentes. Sem esquecer as famílias que moram na zona rural onde esses meios de leitura quase nem existem.

8

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (BRASIL, 1997), essa diferença existente entre as classes sociais foi o fator principal que contribuiu bastante para a compreensão de todo o processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita. Passou “[...] a desvelar as razões pelas quais as crianças que vinham de famílias mais favorecidas pareciam ter muito mais desenvoltura para lidar com as demandas escolares que as de famílias menos favorecidas” (BRASIL, 1997, p.21).

Dessa forma, a partir dos estudos realizados, em especial a psicogênese da língua escrita, foi possível compreender a maneira como as crianças constroem as idéias ou hipóteses da língua escrita. A entender que as crianças não chegam na escola totalmente desinformadas, que todas já possuem um conhecimento prévio. E que esse conhecimento está relacionado com as classes sociais a que pertencem tais crianças.

Nesse sentido, vale a pena ressaltar o posicionamento de Ferreiro (1998, p. 71) “[...] Uma das primeiras idéias que as crianças elaboram em relação ao significado de uma seqüência de letras é a seguinte: as letras representam o nome dos objetos”. Essa idéia que as crianças constroem a respeito de uma seqüência de letras fica mais clara no exemplo, de Santiago, uma das crianças, observadas por Ferreiro (1998), durante sua pesquisa. Com apenas 03 anos, Santiago um menino da classe média, “[...] enquanto olhava um novo carrinho de brinquedo, descobriu as letras impressas no objeto e, apontando para estas, disse: “aqui estão as letras” Elas dizem o que é [...]. O texto escrito na verdade dizia MÉXICO, mas Santiago achou que estava escrito “carro”.

Desse modo, os PCN'S de Língua Portuguesa estabelecem que:

A alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar², e, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem (BRASIL, 1997, p. 21).

Então, conforme esse documento, a leitura é um processo que envolve a identificação dos símbolos: letras, palavras e relacionamento destes símbolos com os sons que representam. Mas nesse processo não se deve ter como foco apenas os conteúdos e sim estabelecer como meta prioritária a finalidade com a qual estes conteúdos serão trabalhados: Ultrapassar a simples decodificação de signos para buscar a formação de leitores e escritores.

Esta intencionalidade descarta a utilização dos conteúdos desta área pela fragmentação do todo, quer seja letra, sílaba, palavra ou frase. Em momento algum está proibida a análise destas unidades textuais, mas devemos ter em mente que estas só fazem sentido se estiverem atreladas a um texto, ou seja, o texto é o suporte que permite que a escrita efetivamente faça parte do universo de significados da criança.

Para Carvalho (2003, p. 47-48), “[...] A aprendizagem através do texto é altamente motivadora porque dá ao aluno impressão de que ele caminha rápido para chegar ao que interessa: a compreensão de uma mensagem”.

Para alcançar este objetivo, é de suma importância, que o professor nesse momento inicial de aquisição da leitura e da escrita, procure propor atividades de leitura antecipadas de imagens, como por exemplo, de revistas em quadrinhos, ilustrações de livros de histórias etc., de forma que as crianças no coletivo construam suas hipóteses. Importante que durante esses momentos de leitura o professor informe as características do livro: capa e folha de rosto, nome do autor, título, editora, ilustração etc. Assim a criança passa a construir idéias da diversidade das funções sociais: livros de contos, de poesia de receitas etc.

Portanto, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita deve ocorrer em um contexto no qual se reconheça os conhecimentos que a criança já tem

3. Isso não significa que não haja lugar para a percepção e a memória, mas que elas não são o centro do processo.

acerca da leitura e da escrita, de forma que se possibilite a emissão de um sentido a esta prática social. Portanto, um espaço que busca a formação de leitores e escritores não deve entender o processo de alfabetização enquanto meramente instrumentalização decodificadora.

4 Considerações finais

10

A dificuldade de aprendizagem não é uma exceção do sistema educacional. O insucesso da criança é, também, o resultado de outros insucessos tais como: os sociais, os políticos, culturais, os educacionais, os pedagógicos etc.

Portanto, pensar na formação viável e de qualidade para os educadores é uma prioridade, pois, uma escola voltada para os interesses e necessidades do seu corpo discente só será possível à medida que os educadores tiverem uma melhor formação profissional.

A escola, por sua vez, deve favorecer uma educação de qualidade, dispondo de material didático e local apropriado para conduzir o processo da leitura e da escrita.

A gestão participativa também é necessária para garantir o aumento do profissionalismo, melhorar a qualidade pedagógica do processo educacional das escolas, desenvolverem consciência social crítica e sentido de cidadania. Com a autoridade compartilhada o grupo passa a trabalhar em equipe, assim, melhorando o ambiente de trabalho, valorizando as aptidões de cada um e atingindo metas coletivas.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo, Ática, 2003.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1998.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

WEISZ, Telma. **Didática da leitura e da escrita: questões teóricas**. São Paulo: Letra e Vida, 2005.

XAVIER, A. R. et al. Pesquisa em Educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. Educa. **Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 8, p. 1-19, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/4627>. Acesso em: 22 ago. 2021.

ⁱ **Joaquim Silva Pereira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-978X>

Universidade Estadual do Ceará – UECE; Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/CE; Faculdade Latino-Americana de Educação – FLATED

Especialista em Gestão Escolar pela UVA/CE (2012); Graduado em Ciências Biológicas pela UECE (2012); Graduado em Pedagogia pela FLATED (2006); Cursando Enfermagem pela UNIASSELVI; Professor Efetivo da Educação Básica do Município de Ocara - CE.

Contribuição de autoria: Realização da Pesquisa e Escrita do Texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4924790757204743>

E-mail: joaquimsilpper@gmail.com

ⁱⁱ **Meiriane da Silva Pinheiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2643-8911>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; Absoulute Chistian University - ACU; Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/CE.

Mestra em Sociobiodiversidade Tecnologias Sustentáveis-MASTS/UNILAB (2021); Mestra em Ciências da Educação pela ACU (2020); Graduada em Pedagogia pela FAK (2012); Graduada em História pela UVA (2011); Professora Efetiva da Educação Básica do Município de Ocara/CE

Contribuição: Com a Pesquisa e Escrita do Texto

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3977098368007773>

E-mail: meirianehistoriadora@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Aldemiza Correia da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0516-0719>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; Universidade Estadual do Ceará – UECE; Faculdade ÚNICA.

Mestranda em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis-MASTS pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB; Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade ÚNICA; Licenciada em Letras pela UECE; Bolsista da FUNCAP

Contribuição: Com a Pesquisa e Escrita do Texto

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3120048965286651>

E-mail: aldemizacorreia2020@yahoo.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2022

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

PEREIRA, Joaquim Silva; PINHEIRO, Meiriane da Silva; SILVA, Aldemiza Correia da. Aquisição da leitura e escrita: o processo da alfabetização-letramento **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.